



Informação e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: insumos para gestão mensurável

Faltando apenas quatro anos para 2030, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que entraram em vigor em janeiro de 2016, como qualquer meta a ser alcançada, devem passar por um período de análise e reflexão sobre os últimos dez anos, especialmente no que diz respeito aos progressos realizados, bem como às barreiras e às conquistas potenciais que não serão totalmente alcançadas até o ano-meta.

Ao longo dessa longa jornada, a pandemia de SARS-CoV-2, a instabilidade política em cada país, as mudanças tecnológicas e as transformações geopolíticas afetaram diretamente — particularmente nos países da América Latina — as estratégias propostas pelos governos para cumprir seus compromissos com os ODS.

Outro aspecto a ser mencionado é a aplicação de tecnologias que ganharam força rapidamente, fortalecendo ou enfraquecendo — dependendo da perspectiva — a análise crítica da informação. Nesse sentido, a Inteligência Artificial, as ferramentas colaborativas e outros elementos tecnológicos tornaram-se ativos e comuns na geração de novas informações, muitas vezes não validadas, mas prontamente aceitas, visto que servem como fonte quase imediata para a tomada de decisões. Isso se deve ao nosso mundo cada vez mais influenciado pela mídia, caracterizado pela rápida geração de informações em formatos que dificultam a análise crítica.

Nesse cenário, cada dimensão da qualidade da informação (precisão, completude, consistência, veracidade, relevância, entre outras) torna-se um critério analítico para obter uma compreensão clara do progresso realizado e das lacunas no alcance das metas organizacionais, especialmente no caso dos ODS.

O que não pode ser medido não pode ser melhorado e, para esse fim, os ODS contam com 169 metas específicas e 231 indicadores globais, dos quais a América Latina priorizou 150. Diante desse contexto, a região enfrenta sérios problemas em relação à qualidade das informações coletadas para analisar o alcance das metas. Entre eles, destacam-se: infraestrutura e recursos limitados nos órgãos responsáveis pela coleta de informações para analisar o progresso dos ODS; os próprios dados, que são dispersos, imprecisos, desatualizados, etc.; e critérios analíticos mal interpretados, entre outros. Esses fatores afetam significativamente as informações apresentadas às entidades supranacionais.

Apesar desses desafios, as tecnologias da informação, especialmente aquelas relacionadas ao processamento acelerado de grandes volumes de dados, são fundamentais para a interpretação de resultados e, conseqüentemente, para a tomada de decisões em todos os níveis. Nesse sentido, existe uma estreita relação entre os benefícios do uso da IA e o alcance dos ODS. Podem-se considerar as seguintes relações: ODS 2 – Fome Zero: Previsão de desastres naturais, otimização de cultivos e monitoramento da produção agrícola; ODS 3 – Saúde e Bem-Estar: Diagnósticos mais rápidos, tratamentos personalizados em tempo real, otimização dos sistemas de saúde e vigilância epidemiológica; ODS 4 – Educação de Qualidade: Plataformas adaptativas e personalizadas, dados de aprendizagem em tempo real; ODS



11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis: Gestão eficiente de resíduos, transporte inteligente; ODS 13 – Ação contra a Mudança Global do Clima: Modelagem climática, algoritmos verdes, monitoramento do desmatamento e mapas globais em tempo real.

Em geral, esses são alguns dos benefícios que o uso de novas tecnologias como a IA pode gerar. No entanto, estes resultados dependerão claramente da qualidade dos dados que gerem, bem como das competências e experiência daqueles que interpretam as conclusões visíveis a alta velocidade, num mundo onde a era da informação parece estar a dar lugar à era da comunicação sem barreiras, sem filtros e, muitas vezes, com pouco tempo para reflexão.

Carlos Enrique Agüero Aguilar 

Editor-convidado

Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru